

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

É preciso desmistificar a idéia de que governos de esquerda são mais corretos ambientalmente

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Bursztyn, Marcel
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-01 12:47:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162956

Serge Latouche - Para não ficar na opinião de um condicionamento ideológico, fundado no crescimento e na ciência, o novo, o progresso, o consumo, o crescimento condicionam esta evolução. A prioridade é, pois, a de se engajar em escala individual na simplicidade voluntária. É mudando a nós mesmos que transformaremos o mundo. Isso passa pela escolha de seu banco, de suas compras: fazer apelo a produtores locais. É necessário encontrar valores mais saudáveis. Devolver o gosto a cada um de fazer o seu jardim, de se bastar a si mesmo. Foram perdidos o sabor e a vontade. Mas pouco a pouco seremos capazes de criar este novo sistema.

IHU On-Line - Alguma observação que o senhor queira acrescentar?

Serge Latouche – Nossas sociedades estão enfermas de enfoques meramente econômicos. O crescimento gera um sem número de desigualdades e de injustiças. A polarização das diferenças sempre afetou mundialmente as desigualdades e, desde o fim dos trinta gloriosos⁴, isso se verifica também em cada país, mesmo no Norte. O decrescimento, única alternativa possível contra o desenvolvimento da miséria e a destruição do planeta, visa a entregar às gerações futuras um planeta, no qual não somente será possível viver, mas onde será bom viver. O decrescimento não propõe viver “menos, mas melhor”, com “menos bens e mais elos”. Os partidários do decrescimento pensam que a crise ecológica imporá uma redução da produção material: é melhor se preparar para isso e assumi-la livremente “num quadro humanista e democrático”, sob pena de incidir no “totalitarismo” e na “barbárie”, que geraria uma crise insuperável.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“É PRECISO DESMISTIFICAR A IDÉIA DE QUE GOVERNOS DE ESQUERDA SÃO MAIS CORRETOS AMBIENTALMENTE”

Entrevista com Marcel Bursztyn

Marcel Bursztyn é professor da Universidade de Brasília, onde dirige o Centro de Desenvolvimento Sustentável. Graduiu-se em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e obteve o título de mestre em Planejamento Urbano e Regional pela mesma universidade, com a dissertação *Determinantes da localização residencial: o caso da população de baixa renda na área metropolitana do Rio de Janeiro*. É doutor em Desenvolvimento Econômico e Social pela Universidade de Paris I (Pantheon-Sorbonne), U.P.I, França e doutor em Economia pela Universidade de Picardie, UP, França, com a tese *Le rôle économique de l'État dans le Nordeste brésilien*. É pós-doutor pela Universidade de Paris XIII (Paris-Nord), U.P. XIII, França e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França. É autor, co-autor e organizador dos livros **Que Crise é Essa ?**. São Paulo: Brasiliense, 1984 (Organizador, juntamente com Leitão, Pedro e Chain, A). **O Poder dos Donos - Planejamento e Clientelismo no Nordeste**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. **O País das Alianças: Elites e Continuísmo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990. **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Org.). **Da Utopia à Exclusão: Vivendo nas ruas em Brasília**. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond/Codeplan, 1997 (juntamente com Araújo, C. H.). **Cristovam Buarque: O Semeador de Utopias**. Brasília: Editora UnB, 1998. **Amazônia Sustentável: uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: Ibama/CDS: IBAMA, 1999 (juntamente com Bartholo Jr., R.). **No Meio da Rua: nômades, excluídos e viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000 (Org.). **Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável - Subsídios à Elaboração da Agenda 21 Brasileira**.

⁴ A expressão “trinta gloriosos” designa o período de crescimento forte e regular dos países industriais, de 1945 a 1974 (Nota do *IHU On-Line*).

Brasília: IBAMA/MMA, 2000 (Org.). **A Difícil Sustentabilidade: política energética e conflitos ambientais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001 (Org.). **Ciência, Ética e Sustentabilidade**. São Paulo: Cortez/Unesco, 2001. (Org.). **Amazônia: cenas e cenários**. Brasília: Editora UnB, 2003. (Organizador, juntamente com Sayago, D.A.V., e Tourrand, J.). Dele, **IHU On-Line** publicou outra entrevista, denominada "Redefinir as necessidades básicas", em sua 100ª edição, de 10-05-2004. Para esta edição, Marcel Bursztyn foi entrevistado por e-mail.

IHU On-Line – Quais são os pressupostos de uma economia aplicada ao decrescimento?

Marcel Bursztyn – Não entendo que deva haver decrescimento, e sim outro padrão de crescimento, compatível com os princípios da sustentabilidade do desenvolvimento. Nos países mais ricos, onde o bem-estar geral é elevado, a questão crucial é a do reordenamento da pauta de consumo, introduzindo maior parcimônia no uso dos recursos da natureza, minimização da geração de resíduos (principalmente dos não-degradáveis), maior reaproveitamento dos resíduos, busca de eficiência energética, atenção ao comércio justo, entre outras mudanças. No caso dos países mais pobres, a pauta é a mesma, mas há questões imediatas, cuja premência se sobrepõe à própria agenda ambiental de longo prazo, por se tratar de condições básicas de sobrevivência e de qualidade de vida. Ali, além da satisfação de necessidades básicas, como alimentação, o saneamento ambiental (água potável, esgoto, coleta e tratamento de lixo e rede de águas pluviais), há grande déficit de educação e saúde. A distribuição de renda só gerará efeitos positivos, quando acompanhada de crescimento geral da economia, pois a riqueza nacional (PIB) é baixa. É preciso ficar claro que o desenvolvimento sustentável não pressupõe a reversão da dinâmica econômica, mas sim sua reorientação.

IHU On-Line - Não há méritos no modelo de desenvolvimento ocidental que possam ser úteis a um novo modelo de sociedade? Levando em conta exemplos de países que tenham governo de esquerda, podemos considerar que neles têm havido novos modelos de desenvolvimento sustentável?

Marcel Bursztyn – Primeiramente, é preciso desmistificar a idéia de que a degradação ambiental, inerente ao modo de vida típico da sociedade moderna, é restrita ao capitalismo e de que governos de esquerda são mais corretos ambientalmente. A história das experiências do socialismo real revelou barbaridades ecológicas. O acidente de Chernobil⁵, na antiga União Soviética, é apenas um exemplo eloqüente. O ambientalismo, como causa societal, tem como característica ser desvinculado da tradicional polarização direita-esquerda. Trata-se de um movimento que seduz amplo espectro de vinculações e identidades político-ideológicas. Ser "ambientalmente correto" requer mudanças comportamentais que estão mais na esfera da ética do que da ideologia. O governo brasileiro atual, originariamente de identidade de esquerda, tem sido protagonista de sérios revezes ambientais, dentre os quais um exemplo é a liberação do cultivo de sementes transgênicas. Quanto ao "modelo de desenvolvimento ocidental", é preciso registrar que o mesmo hoje é universal. A nova globalização cuidou de uniformizar os padrões e práticas econômicas. As referências a crenças e culturas orientais, menos materialistas e mais solidárias com o mundo natural, são hoje principalmente alegorias, quimeras. Servem de

⁵ O autor se refere à explosão do reator da central elétrica de Chernobil em 26 de abril de 1986, deixando escapar cerca de 50 milhões de curies (unidade da atividade radiativa). Cerca de 8,4 milhões de pessoas dos três países estiveram expostas à radiação. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, classificou esta como "a pior catástrofe tecnológica da história", dizendo que os países mais afetados - Belarus, Federação Rússia e Ucrânia - "continuam sofrendo conseqüências sociais, econômicas e humanitárias." (Nota do **IHU On-Line**)

contraponto mais ao discurso cultural que ao econômico. Digo isso sem juízo de valor. É uma constatação.

IHU On-Line – Como a crítica radical à idéia vigente de desenvolvimento pode ser incorporada pela sociedade? Isso implicaria em mudanças predominantemente culturais?

Marcel Bursztyn – O mau desenvolvimento não deve ser substituído pelo não-desenvolvimento, e sim pelo bom desenvolvimento. Isso dito, fica no ar a questão: afinal, o que é o bom desenvolvimento? Essa é a questão que intriga pensadores antes mesmo de se cunhar o conceito de sustentabilidade. O debate sobre projetos nacionais de desenvolvimento já se estende por várias décadas, mesmo que tenha ficado obscurecido por uns tempos, na penumbra do neoliberalismo. Importa hoje que países como o Brasil voltem a debater estratégias de construção de um futuro desejável, fugindo ao fatalismo que a mão invisível do mercado nos condena. Para onde queremos ir? E o que devemos fazer para chegar lá? Essas seguem sendo as grandes questões que temos de enfrentar. Que o desenvolvimento seja sustentável não é mais do que obrigação, nos tempos atuais. Temos, nesse sentido, diante de nós um desafio maior do que o dos países que lograram desenvolver-se antes, pois eles não tiveram esse tipo de preocupação. E hoje o mundo todo paga o preço. Para internalizar a noção de sustentabilidade na cultura da sociedade, será necessário um longo processo de mudança de comportamento, que demanda forte papel da educação e, sem dúvida, leva algum tempo (pelo menos uma geração).

IHU On-Line – Durante o Simpósio, o senhor ministrará uma oficina sobre o desenvolvimento sustentável do Brasil. Que alternativas o senhor propõe sem repetir modelos de crescimento econômico cujos custos e conseqüências estamos sofrendo?

Marcel Bursztyn – Não há fórmula mágica. Como disse acima, é preciso mudar mentalidades e valer-se da educação como vetor de transformação.

IHU On-Line – O curso de três dias que o senhor ministrará durante o Simpósio trará uma fundamentação teórico-prática do desenvolvimento sustentável. O que entende por fundamentação teórico-prática? Como isso será realizado?

Marcel Bursztyn – Pretendo discorrer sobre o estado do debate sobre desenvolvimento e em que medida a introdução da variável sustentabilidade modifica esse debate.

IHU On-Line – Como tem sido a experiência do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB? Quais os avanços mais recentes que o senhor destacaria?

Marcel Bursztyn – Temos uma história de quase dez anos, com 220 mestres e 60 doutores formados. Erramos em alguns pontos e fomos corrigindo os rumos. Posso afirmar hoje, com satisfação, que a abertura de espaços interdisciplinares no mundo universitário tem sido exitoso. São muitas as dificuldades, de natureza burocrática, sobretudo. Mas o crescimento de iniciativas como a nossa aponta para um novo desenho da universidade, um possível caminho para reverter sua crise existencial. Para citar um dado, no âmbito da pós-graduação, é o grupo que mais vem crescendo nos credenciamentos junto à Capes. A enorme procura por cursos como os nossos comprova também que essa via de formação está em sintonia com os tempos atuais.

IHU On-Line – Como o senhor vê a iniciativa de uma universidade promover um simpósio internacional que discute as condições de habitabilidade do planeta Terra, considerando o papel da academia na sociedade e realidade atual?

Marcel Bursztyn – Esse é o papel da Universidade... Afinal, se nos restringíssemos aos particularismos das disciplinas organizadas, não seríamos universais. Iniciativas como esta renovam, informam e formam. E evitam que a "universidade" se restrinja à função de "particularidade". Felicito a Unisinos!

[\(Voltar ao índice\)](#)

A IMPERIOSA CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO DOS CÓDIGOS DE ENTENDIMENTO DO UNIVERSO

Entrevista com Armando Lopes de Oliveira

Armando Lopes de Oliveira é professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É Licenciado e Bacharel em Física, pela UFMG. Também é Mestre em Física pela mesma universidade e Doutor em Física pelo Centro de Estudos Nucleares de Grenoble, França. É Pós-Doutor em Física pelo Imperial College (Londres). Foi entrevistado por e-mail.

IHU On-Line - Quais as principais teses que o senhor apresentará na oficina *A estrutura do Universo e os seus códigos físicos*?

Armando Lopes de Oliveira - A estrutura do Universo desafia a curiosidade e a inteligência dos físicos, e de toda mente inquiridora em geral, com os seus códigos surpreendentes, na maioria das vezes, paradoxais, quando não enredados no que parece indecifrável. Como conciliar *contínuo-descontínuo*, *absoluto-relativo*, *determinismo-indeterminismo*, *necessário-contingente*, *ordem-caos*? Meu objetivo principal consiste em afirmar, e tentar mostrar, como, criando e recriando seus próprios códigos de entendimento do Universo, a Ciência consegue levantar, em parte, o véu do mistério e do paradoxo, com que se revestem os códigos físicos do Universo.

IHU On-Line - Quais as principais teses que o senhor apresentará no curso *O caos dedilhado em planilhas Excel*?

Armando Lopes de Oliveira - Faz algum tempo, li alguma coisa desconcertante afirmada pelo filósofo francês *Michel Serrès*⁶: "Como se pode levar a sério a filosofia da ciência se agora até o caos está com status de ciência?" O título do meu curso pode criar a ilusão de que o congressista, que não tiver familiaridade com planilhas Excel, estaria perdendo o seu tempo se inscrevendo nele. Não é nada disso. Meu esforço consiste em demonstrar que lidar com o caos cientificamente é, sob vários aspectos, tão simples como entender extratos bancários de contas correntes, com apenas duas entradas (débito-crédito) e uma saída (saldo).

IHU On-Line - De que forma a física contribui, e poderia contribuir mais ainda, para pensar o desafio da terra habitável?

Armando Lopes de Oliveira - No início, ao receber o convite para orientar uma oficina e ministrar um curso no Simpósio Internacional Terra Habitável, tive ímpetos de responder: "Sinto-me muito honrado com o convite, mas como físico, talvez, o que gostaria de explorar não tenha nada a ver". Acontece que o convite já veio de cartas marcadas, talvez porque o Prof.

⁶ Filósofo francês, estuda a situação humana nas várias dimensões da vida e das ciências: existência, espiritualidade, cultura, economia, política, biologia, genética, tecnologia. (Nota do **IHU On-Line**)